

# Fortalecimento do Hezbollah após a Guerra de 2006

## *Strengthening of Hezbollah after the 2006 War*

Vanessa Miguel Chama\*

### Resumo

Este trabalho pretende analisar o suposto fortalecimento político do Movimento de Resistência Islâmica, Hezbollah, ou "Partido de Deus", após a guerra de 2006, travada entre este e Israel. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa historiográfica, incluindo os eventos que antecederam e que serviram de inspiração para a sua formação, a sua criação no contexto da Guerra Civil Libanesa (1975-1990). Posteriormente, o trabalho ilustra a Guerra de 2006 e suas consequências. O estudo também traz à tona o cenário pós-guerra, no qual foram sublinhadas as consequências da guerra para o Líbano, o que, logicamente, repercutiu na política libanesa. Em conclusões, o texto faz menção dos pareceres de grandes estudiosos acerca do assunto, especialmente sobre quem realmente conseguiu alcançar seus objetivos após o conflito.

**Palavras-Chave:** Líbano. Hezbollah. Guerra de 2006. Influência no Cenário Político.

### Abstract

This work intends to analyse the supposed political strengthening of the Islamic Resistance Movement, Hezbollah, "Party of God", after the 2006 war, between this and Israel. First, was carried out a historiographic research, including the events that preceded and served as inspiration for its formation, its creation in the context of the Lebanese Civil War (1975-1990). Subsequently, the work illustrates the 2006 war and its consequences. The study also brings to light the post-war scenario, in which were underlined the consequences of the war for Lebanon, which, of course, had repercussions on Lebanese politics. In conclusions, the text mentions the opinions of great scholars on the subject, especially about who actually succeeded in reaching their goals after the conflict.

**Key-words:** Lebanon. Hezbollah. 2006 War. Influence of the Political Scenario.

\* Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: vanessachamma@gmail.com.

## Introdução

O embate entre o Hezbollah e Israel, o último ocorrido em 2006, parece ser algo que não mudou. Onze anos é o período mais longo sem grandes combates entre ambos. No entanto, no início do ano passado, houve rumores no Líbano de que Israel estaria se preparando para atacar o Hezbollah, o que fomentou a especulação de que o verão de 2016 presenciaria um conflito ainda mais sangrento do que a guerra de 2006 (BBC NEWS, 2016, s/p). Na opinião dos comandantes do exército israelense:

a próxima guerra contra o Hezbollah será feroz e terrível para ambos os lados. Contudo, será muito pior para o Hezbollah e para os civis libaneses. Dez anos depois que Israel e o Hezbollah travaram uma guerra de 34 dias, sangrenta e inconclusiva, que deixou mais de mil soldados e civis mortos em julho e agosto de 2006, o grupo militante xiita libanês foi transformado. Atualmente o Hezbollah é um poder militar regional, uma força de ataque transfronteiriço, com milhares de soldados endurecidos por quatro anos de combates em campos de batalha sírios em nome do presidente Bashar al-Assad. Há 7.000 combatentes do Hezbollah na Síria (THE WASHINGTON POST, 2016, s/p).

O conflito armado de 2006, conhecido como “A Segunda Guerra do Líbano”, teve início no dia 12 de julho de 2006, quando membros do grupo xiita alvejaram uma patrulha israelense na fronteira com o Líbano e sequestraram dois soldados israelenses. O Hezbollah aproveitou a oportunidade para exigir a libertação de libaneses que estavam detidos em Israel, em troca dos soldados sequestrados. No entanto, a resposta de Israel foi uma série de ataques aéreos e, posteriormente, terrestres, que se estenderam por 34 dias, causando a morte de, pelo menos, 1.200 libaneses – a maioria civil – e 119 soldados e 45 civis israelenses. Ao decorrer do conflito, o Hezbollah lançou mais de 4.000 mísseis contra Israel. Um estudo indicou que os ataques aéreos de Israel causaram a destruição de 130.000 casas e trouxeram danos à economia e infraestrutura libanesa, estimados a US\$ 7 bilhões. O conflito terminou em 14 de agosto de 2006, depois que o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou a Resolução nº 1701, a qual estabeleceu um cessar-fogo entre os dois lados beligerantes (BRENNEN, 2009, p. 44).

Tal conflito representou um importante ponto de inflexão no Oriente Médio, pois até esse momento, a concepção tradicional do Ocidente, em grande parte, tinha sido de que os conflitos territo-

riais de Israel, ao longo de suas disputadas fronteiras, eram uma das principais fontes de instabilidade do Oriente Médio. Essa foi a afirmação que os diplomatas norte-americanos e europeus receberam de suas contrapartes no Mundo Árabe. Como consequência, os políticos ocidentais, especialmente os europeus, enfatizaram a emergência de resolver a questão palestina, enquanto depreciavam a necessidade de enfrentar, mesmo que diplomaticamente, o desafio colocado no Líbano pelo Hezbollah (GOLD, 2007, p. 7).

Considerando o Hezbollah um grupo que exerce influência sobre o cenário político libanês e levando-se em conta as alianças indiretas que o grupo mantém com outros Estados, percebe-se a importância de analisar os desdobramentos que o conflito de 2006 causou ao grupo e à região como um todo. A transformação do Oriente Médio atribuída à Segunda Guerra do Líbano exige um novo pensamento político. Meios estratégicos que não funcionaram na década de 1990 têm ainda menos chances, atualmente, de alcançar resultados positivos. A diplomacia somente surtirá efeito se surgir um novo paradigma regional reconhecido e comprometido com propostas reais para estabilizar o Oriente Médio (GOLD, 2007, p.12).

O Líbano está dividido em dois campos formados por vários grupos religiosos. A Aliança 14 de Março, inicialmente liderada por Saad Al-Hariri, recebeu o apoio da Arábia Saudita, Egito, Jordânia e países ocidentais, como EUA e França. Já a Aliança 8 de Março, representante da maioria parlamentar, é formada pelo Hezbollah, apoiado pelo Irã e Síria, e seus aliados. Cada aliança conta com representantes dos vários segmentos religiosos: muçulmanos, cristãos, drusos, maronitas, entre outros. Em 2011, Michel Suleiman, na época presidente do Líbano, indicou Najib Mikati, um magnata sunita apoiado pelo Hezbollah e seus aliados, como primeiro-ministro do país. No entanto, a troca de premiês provocou a ira dos sunitas e os partidários de Hariri acusaram o Hezbollah por tentar colocar o governo libanês sob o controle indireto do Irã, o grande aliado do movimento xiita (VEJA, 2011, s/p).

A pergunta da pesquisa está fundamentada na possibilidade de fortalecimento do grupo xiita após a guerra de 2006, devido à sua demonstração de resistência e atuação no cenário político, onde se mostrou bastante determinante. Porém, não é possível desconsiderar a hipótese alternativa de que, em um futuro próximo, o Hezbollah pode perder popularidade, uma vez que os desdobramentos

do conflito ocasionaram uma divisão na sociedade, a qual repercute no âmbito político.

Este trabalho tem como finalidade analisar o fortalecimento do Hezbollah na cena política, após a guerra de 2006. O artigo divide-se em cinco partes. A primeira traz uma pesquisa historiográfica, enfatizando o cenário e a maneira pela qual o Hezbollah foi criado. A segunda parte menciona a Guerra de 2006, assim como os objetivos políticos e militares das partes beligerantes. Na terceira parte encontram-se as consequências que a guerra trouxe para o Líbano. Já a quarta parte dedica-se trazer à tona o cenário pós-guerra, o que repercutiu na política libanesa. Finalmente, a quinta parte faz uma análise do real fortalecimento do grupo xiita.

## Hezbollah

O Hezbollah é uma organização paramilitar xiita, mas primeiramente surgiu como uma milícia, em 1982, no contexto da Guerra Civil Libanesa (1975-1990), com o intuito de lutar contra a invasão israelense no sul do Líbano. O movimento xiita foi organizado, treinado e armado pelo Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica Iraniana, embora neste momento estivesse atuando na Guerra Irã-Iraque (1980-1988). A Síria também teve importância na constituição da organização ao consentir a entrada no Líbano de 2.500 integrantes da Guarda Revolucionária Iraniana, assim como o estabelecimento de campos de instrução entre a população xiita no Vale do Bekaa, região agrícola ao leste do país. Ser treinado pela Guarda Revolucionária Iraniana tornou-se uma exigência prévia para ingressar no movimento xiita. Em 1985, o Hezbollah enfatizou o motivo pelo qual estreitou relações com o Irã:

enxergamos o regime iraniano como a vanguarda e o novo núcleo do Estado Islâmico dominante no mundo. Obedecemos às ordens de uma única liderança justa e sábia, representada pelo *wali faqih* [poder do jurisconsulto] e personificada por Khomeini. (LINDEMANN, 2010, p. 66-67).

Na verdade, o Hezbollah nasceu como consequência de três acontecimentos: a marginalização dos xiitas no Líbano, a Revolução Islâmica do Irã de 1979 e a invasão israelense no sul do Líbano em 1982. O frágil contexto social, econômico e político dos xiitas libaneses ajudou a fomentar uma mobilização social, pois se sentiam menosprezados pelo governo libanês. Segundo Norton (1985,

p. 110-111), “os xiitas eram a comunidade mais necessitada no Líbano. Eles eram os mais pobres, os menos educados e os menos propensos a se beneficiar dos serviços oferecidos pelo governo, tais como serviços de saúde ou serviços públicos”. Ademais, os xiitas estavam localizados no sul do Líbano, onde a OLP <sup>1</sup> (Organização para a Libertação da Palestina) e Israel travaram uma luta durante os anos 1970 (BRENNEN, 2009, p. 11-12).

A invasão israelense ofertou ao Hezbollah a sua grande chance. Ao expulsar a OLP, Israel acabou deixando um vazio de poder que, em seguida, foi ocupado por grupos hostis. A resistência xiita logo entrou em ação e as “operações de martírio” ficaram no encalço dos Estados Unidos, fora do Líbano, e, gradualmente, pressionaram Israel, que se retirou em 1986. Ainda assim, os xiitas continuaram lutando contra cristãos e palestinos na Guerra dos Campos na parte ocidental de Beirute. Nessa guerra, foram registrados atos de limpeza étnica em ambos os lados, transformando o Líbano em uma “colcha de retalhos” de territórios (DEMANT, 2006, p. 124).

O Hezbollah, como o único partido armado, permitiu que ele atraísse novos membros. O significativo apoio financeiro do Irã, o que lhe possibilitou estabelecer instituições de bem-estar social, ajudou a expandir sua popularidade, pois o Hezbollah foi e tem sido mais eficiente do que o Estado ao que concerne à ajuda aos mais necessitados. Após a operação israelense “Uvas da Ira”, a qual devastou o sul do Líbano em 1996, o Hezbollah declarou ter reconstruído 5.000 casas em 82 aldeias, estradas, infraestrutura, além de compensações ofertadas a 2.300 agricultores, em apenas dois meses. No momento em que o Acordo de Taif <sup>2</sup> foi assinado, o Hezbollah desistiu de clamar por um estado islâmico no Líbano e consentiu com a característica multiconfessional dos acordos estabelecidos. Nasrallah mencionou que “no que diz respeito ao projeto

---

1. A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) foi criada em 28 de maio de 1964 em ocasião do Primeiro Congresso Nacional Palestino (CNP, Parlamento) com o intuito de reivindicar o direito à autodeterminação e à soberania para os palestinos, assim como a rejeição da criação de Israel (G1 MUNDO, 2012. s/p). Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/11/veja-cronologia-do-caminho-para-criacao-do-estado-palestino.html>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

2. Os Acordos de Taif foram realizados na cidade de Taif, Arábia Saudita, em 22 de outubro de 1989, contando com a participação de 62 deputados libaneses, sendo 31 cristãos e 31 muçulmanos. O ex-primeiro-ministro, Rafik Al-Hariri, assassinado em 2005, foi um dos patrocinadores deste encontro, pois além das estreitas relações com a Arábia Saudita, financiou o transporte de todos os congressistas libaneses até a cidade saudita, devido às questões de segurança interna no Líbano (ZAHREDDINE, 2011, p. 10).

da República Islâmica, posso dizer-lhe que nunca proporemos esta ação no Líbano” e “nunca propusemos a ideia de impor uma República Islâmica no Líbano pela força” (CUNNINGHAM, 2010, p. 41).

O Hezbollah vem demonstrando um alto nível de sofisticação e criou uma imagem que ultrapassa um mero perfil terrorista, ao atuar como uma “tábua de salvação” para a comunidade xiita libanesa. Ao longo de sua evolução, o grupo usa uma estratégia, que pode ser chamada de “multicamada”, uma vez que está centrada em três áreas – militar, social e política. Além de ser percebido como o representante do Irã e da Síria, faz duras críticas com relação à legitimidade de Israel. A sua agenda nacional faz com que o Hezbollah esteja totalmente inserido nas funções políticas do país, e ganha popularidade ao agir como o principal árbitro do bem-estar social no sul do Líbano (CHAFIK, 2013, p. 3).

## Guerra de 2006

Entre os anos de 2000 e 2006, considerando a ameaça bélica representada por Israel na região, a organização passou o período construindo um sistema de casamatas, no qual posicionou armas, foguetes e depósitos de provisões em regiões rurais e seus arredores. O Hezbollah também dispôs minas em vias que permitiam alta velocidade com o intuito de atrasar o desempenho das forças israelenses blindadas. Apesar dos indícios que evidenciam que os combatentes do grupo foram treinados pelos aliados iranianos, o Hezbollah usou sua memória institucional acerca do tipo de operação que provocou a retirada das forças israelenses em 2000. O Instituto de Estudos Estratégicos, ao efetuar 36 entrevistas com israelenses que participaram do conflito de 2006, constataram que o elemento mais acentuado no desempenho do Hezbollah baseou-se na junção do combate convencional com o combate irregular, ou seja, foram empregadas táticas assimétricas enquanto executavam os meios de combate tradicionais (LINDEMANN, 2010, p. 69).

Em 12 de julho de 2006, na fronteira com o norte de Israel, membros do Hezbollah alvejaram uma patrulha das Forças de Defesa Israelense e sequestraram dois soldados, Ehud Goldwasser e Eldad Regev. Tal ato resultou na eclosão da Segunda Guerra do Líbano, ou Guerra de 2006, entre o movimento xiita e Israel. O conflito de 2006 aconteceu seis anos após a retirada das forças israelenses do sul do Líbano e, ao longo desse período, diversos eventos foram

observados como importantes, a saber: a Intifada de Al-Aqsa, em outubro de 2000, os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, a invasão do Iraque em 2003 e a retirada das tropas sírias do Líbano, em abril de 2005. Esses eventos acabaram influenciando o Hezbollah e o Líbano e, dessa forma, o movimento teve que enfrentar pressões internas e externas a favor do seu desarmamento (AZANI, 2011, p. 223).

Embora haja opiniões adversas, os objetivos políticos de Israel, referentes ao conflito de 2006, concentraram-se em restabelecer sua dissuasão na região ao afirmar que não admitiria ataques transfronteiriços contra seus soldados e cidadãos e edificar uma nova realidade no Líbano, na qual o governo exerceria maior soberania sobre seu território, suprimindo o status do Hezbollah como um “Estado dentro do Estado”. Com isso, Israel desejava aumentar a vontade política por parte do governo libanês a fim de reprimir o funcionamento do Hezbollah (BRENNEN, 2009, p. 39).

Já ao que concerne aos objetivos militares de Israel foram percebidos a eliminação dos mísseis estratégicos e foguetes do Hezbollah; criação de uma zona de segurança livre das forças militares do movimento xiita ao longo da fronteira com Israel; e conseguir a libertação dos dois soldados israelenses capturados através de operações militares. Com os dois primeiros objetivos militares, Israel queria acelerar a implementação da Resolução n° 1559 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, aprovada em 2004, na qual solicitava o desarmamento do Hezbollah e o envio de tropas libanesas para a fronteira israelense (BRENNEN, 2009, p. 39-40).

Israel usou a estratégia de “dissuasão pela punição”, que consistia em uma série de ataques contra esconderijos do Hezbollah, para alcançar os objetivos mencionados acima. O poder aéreo israelense foi bastante utilizado não somente para dificultar os objetivos do Hezbollah, mas também para criar alvos que pudessem causar prejuízos a população civil, com o intuito de desfazer o suporte ao grupo. As forças terrestres demoraram a atuar nas hostilidades, pois, após a ocupação de 18 anos no Líbano, Israel estava apreensivo com relação às baixas militares. Por conseguinte, o governo israelense esperou até a última semana da guerra para mobilizar reservistas e promover uma invasão terrestre. Além da estratégia de dissuasão, Israel lançou uma forte campanha de guerra psicológica com a finalidade de denegrir a imagem do Hezbollah perante o Líbano e a comunidade internacional, o que poderia trazer apoio e

cooperação por parte da população libanesa e inibir os combatentes do movimento (BRENNEN, 2009, p. 40).

Primeiramente, Israel publicou em websites mensagens do tipo: “Ajude o Líbano erradicar o mal do Hezbollah e voltar a sua independência, liberdade e prosperidade”. Em seguida, aviões israelenses começaram a jogar folhetos, nos quais constavam avisos aos civis sobre os futuros ataques. Em 13 de julho, milhares de panfletos foram lançados sobre o sul de Beirute com o seguinte conteúdo:

para os habitantes do Líbano: devido às atividades terroristas levadas a cabo pelo Hezbollah, que destrói o esforço para encontrar um futuro mais brilhante para o Líbano, o exército israelense continuará o seu trabalho dentro do Líbano durante o tempo que considerar oportuno para proteger os cidadãos do Estado de Israel. Para sua própria segurança e porque nós não desejamos causar mais mortes de civis, aconselhamos que evitem todos os locais frequentados pelo Hezbollah. Você deve saber que a continuação das atividades terroristas contra o Estado de Israel será considerada uma espada dupla afiada contra você e o Líbano. O Estado de Israel (BRENNEN, 2009, p.41).

Ao longo da guerra, o Hezbollah estipulou novos objetivos, dentre os quais a sua sobrevivência tornou-se o objetivo essencial. Seria o mesmo que dificultar o alcance das metas israelenses, mantendo seu poder e capacidade militar. Um dos objetivos do movimento consistia em provocar um alto número de baixas israelenses, o que poderia causar pressão sobre o governo israelense através da opinião pública. Em 21 de julho, Nasrallah, Secretário-Geral do Hezbollah, concedeu uma entrevista a Al Jazeera, na qual declarou: “A vitória que estamos a falar é quando a resistência sobrevive. Quando a sua vontade não está quebrada, então esta é a vitória. Quando não estamos derrotados militarmente, então esta é a vitória” (NAKHLEH, 2007, p. 5).

Até o fim do conflito, o Hezbollah conseguiu demonstrar sua força, ao dar continuidade ao lançamento de um considerável número de foguetes, impedindo o avanço israelense em território libanês até o Rio Litani, embora o Hezbollah estivesse enfrentando um inimigo altamente superior em recursos e capacidades. O movimento xiita conseguiu realizar contra-ataques, causando várias perdas de tropas e tanques para Israel, e pressionando-o a recuar. Ademais, o Hezbollah conseguiu preservar o seu sistema de controle de comando e, apesar dos ataques aéreos e algumas limitações, também foi hábil em reabastecer seus foguetes e munições. Coman-



dantes de alta patente das Forças de Defesa de Israel admitiram que a liderança do Hezbollah manteve contato com seus comandantes, e estes estabeleceram uma sofisticada rede de comunicações, apesar da interrupção causada por Israel (NAKHLEH, 2007, p. 7-8).

O Hezbollah obteve êxito em seus esforços de inteligência. Antes e durante a guerra, em cooperação com a Inteligência Libanesa, prendeu pelo menos 16 espiões israelenses, e foi capaz de um “feed back” a Israel com informações errôneas sobre seus combatentes e posições, de modo que os israelenses identificaram posições-chave que, na verdade, eram ilusórias. O movimento também conseguiu interceptar as comunicações inter-israelenses e saber com antecedência onde e quando aviões e bombardeiros israelenses atacariam. Gambill (2006) observou:

na verdade, não houve degradação observável das capacidades militares do Hezbollah durante a guerra. A qualidade e a resistência de seu desempenho militar superaram as expectativas israelenses em praticamente todos os domínios, desde o volume e precisão dos disparos de foguetes contra o norte de Israel até a sofisticação de sua rede de comunicações e de camuflagem astuta de equipamento militar pesado e bunkers. O Hezbollah ainda conseguiu interceptar comunicações do rádio das Forças de Defesa de Israel (NAKHLEH, 2007, p. 8).

Por outro lado, o Hezbollah cometeu alguns erros. Seus braços e mísseis não conseguiram impedir que Israel empreendesse grandes hostilidades contra o Líbano. Vale salientar que, ao romper os compromissos informais, estipulados entre Israel e o Hezbollah durante os seis anos anteriores ao ataque a Israel, além das Fazendas de Shebaa, área disputa entre ambos, o movimento ofertou a Israel um motivo para iniciar um novo conflito. O argumento do Hezbollah de que não contava com um excessivo contra-ataque, o qual comprometeu a infraestrutura libanesa, pareceu ser uma fraca justificativa aos olhos da população libanesa. Porém, em uma entrevista realizada em 27 de agosto, Nasrallah afirmou: “se fosse conhecido em 11 de julho que a operação levaria a uma guerra, eu faria isso? Eu digo não, absolutamente não”. Tal afirmação pode ser considerada uma simples estratégia política a fim de evitar uma reação libanesa negativa e algumas alegações de que o Hezbollah foi o responsável pela guerra e danos causados (NAKHLEH, 2007, p. 9).

Alguns indagam como o Hezbollah declarou uma “vitória divina”, sendo que a guerra causou uma destruição devastadora da

infraestrutura para o Líbano. O movimento tinha consciência de que não poderia arcar com o prejuízo total da guerra, materialmente e economicamente, e que o estado libanês, com o apoio de países amigos, promoveria a reconstrução e reabilitação dos setores atingidos. Para aqueles que perderam suas famílias, a guerra significou um imenso sacrifício. No entanto, acidentes e destruição não significam exatamente uma derrota (NAKHLEH, 2007, p. 9).

De fato, o grande número de mortes de civis libaneses, em comparação com o baixo número de combatentes do Hezbollah (cerca de 200), é uma declaração condenatória sobre Israel, ilustrando seu poder de fogo excessivo e segmentação de civis. Israel tomou essas atitudes devido à sua dificuldade de enfrentar os combatentes do Hezbollah, os quais possuem o domínio da arte da guerra. Em contrapartida, pode-se afirmar que o baixo número de mortes de civis israelenses e o alto número de soldados mortos (43 civis, 116 soldados), evidenciam que o alvo do Hezbollah são principalmente os militares. A opinião geral consistia na certeza de que Israel tinha perdido a guerra, ou pelo menos, não conseguiu atingir seus objetivos, que obscureceu suas ações bem-sucedidas. Em guerras anteriores com os árabes, Israel alcançou uma vitória rápida e decisiva. Porém, em 2006, apesar do Hezbollah possuir uma força de guerrilha com aproximadamente 3.000 combatentes a enfrentar cerca de 30.000 soldados israelenses, Israel guerreou o conflito mais longo desde 1948 e não conseguiu alcançar uma vitória definitiva e notória. Parece que “em uma guerra assimétrica, o teste da vitória também é assimétrico” (NAKHLEH, 2007, p. 9-10).

Em oposição às comemorações da “vitória” do Hezbollah pelo mundo árabe, no Líbano os elogios ao Hezbollah estavam longe da universalidade. Embora a organização tenha se beneficiado por expressões pan-libanesas de solidariedade e do sentimento anti-israelense durante o conflito armado e nas semanas após o cessar-fogo, a solidariedade interconfessional logo desapareceu quando os libaneses iniciaram um questionamento sobre atitude do Hezbollah em provocar a guerra. Foi difícil celebrar uma “vitória” diante de um projeto de lei que previa um gasto de US\$ 4 bilhões para reconstruir a infraestrutura libanesa, englobando a reparação de cerca de 78 pontes. A guerra foi um desastre econômico para o país e um golpe para a temporada turística de 2006, visto que estimativas calcularam um prejuízo de US\$ 2 bilhões em renda, além de poder afugentar turistas para um turismo futuro (NORTON, 2007, p. 152).

Por sua vez, o Hezbollah negou ter culpa por antecipar a guerra de julho de 2006. Nasrallah afirmou que Israel já estava orquestrando um ataque ao Hezbollah meses antes do sequestro dos soldados israelenses em 12 de julho de 2006. Também alegou que “Israel usou o sequestro como um pretexto para lançar sua falha campanha de aniquilação”. Todavia, em uma entrevista, transmitida pela televisão libanesa, em 27 de agosto de 2006, Nasrallah reconheceu que a sua organização errou no cálculo: “se qualquer um de nós [no conselho político-militar de quinze membros] tivesse um 1% da preocupação de que Israel responderia desta forma selvagem, não teríamos capturado os soldados”. Ao mesmo tempo, o Hezbollah acusou a coalizão governista de cumplicidade com um complô americano e israelense que objetiva destruir a organização (NORTON, 2007, p. 154).

Durante a guerra de 2006, o cenário político libanês foi dividido em duas alianças, uma liderada pelos Estados Unidos, e outra liderada pela Síria e Irã, o que tem sido mencionado como “uma nova Guerra Fria árabe”. A aliança sírio-iraniana era dominada pelos xiitas iranianos em conjunto com grupos sectários, tais como Hezbollah, Hamas, Jihad Islâmico e Irmandade Muçulmana. Irã e Síria mantêm fortes relações desde 1979, momento em que Saddam Hussein assumiu o poder no Iraque. Como a Guerra do Golfo de 1990-1991 enfraqueceu o Iraque, o Irã sentiu-se à vontade para desenvolver uma função regional que fosse proporcional ao seu tamanho, colocando-o em atrito com Israel, outra grande potência regional. Os objetivos dessa aliança consistiam em mudar o equilíbrio regional de poder em seu favor, reduzir a influência regional dos EUA, Israel e seus aliados e impedi-los de edificar uma nova ordem regional. Mahmoud Ahmadinejad, na época presidente do Irã, acreditava que os EUA eram o único empecilho que impedia o Irã de atingir a sua supremacia regional (WILKINS, 2011, p. 85-86).

A segunda aliança, liderada pelos EUA, incluía Israel, os Estados árabes “moderados” – Egito, Jordânia e Arábia Saudita – e a maioria dos Estados do Golfo. Tais atores juntaram-se pelo receio das ambições regionais do Irã e da Síria, como também estavam preocupados com suas relações com o Hezbollah, o Hamas e outros atores não estatais. Segundo Hirst (2010, p. 277), “os membros desta aliança são tão diversos que eles estão unidos somente pela sua oposição à aliança sírio-iraniana”. Ele esclareceu que os cidadãos dos Estados Árabes “moderados”, não os regimes, não

gostavam nem dos EUA nem de Israel, tanto quanto os membros da aliança adversária. Ademais, os membros dessa aliança estavam inquietos devido à questão das armas nucleares do Irã, pois isto ameaçaria o status de Israel como a única potência nuclear na região e aumentaria os receios sobre a proliferação nuclear regional (WILKINS, 2011, p. 86).

## Consequências da Guerra de 2006

A guerra de 2006 agravou as divisões políticas entre as duas alianças: 8 de Março e 14 de Março. Em novembro do mesmo ano, o cenário político complicou-se ainda mais depois da renúncia de seis ministros da Aliança 8 de Março, dentre os quais cinco eram xiitas, pois queriam que Fouad Siniora formasse um governo de unidade nacional no qual a Aliança 8 de Março teria poder de veto. Eles afirmaram que “o governo de Siniora não representa o povo”, e discordaram da sua posição com relação ao desarmamento do Hezbollah e a decisão de apoiar o Tribunal Especial da ONU para o Líbano, destinado a investigar o assassinato do ex-primeiro-ministro, Rafik Al-Hariri. Tais renúncias tornaram ilegítimo o governo de Siniora, devido à ausência de representantes xiitas no corpo político, como também violaram o princípio do sistema confessional, o qual defende que o governo libanês deve ser composto por representantes de cada grupo étnico (WILKINS, 2011, p. 107).

O conflito também modificou a posição interna do Hezbollah, pois conseguiu transformar sua força demográfica e militar em poder político dentro do sistema político libanês, considerado inflexível e antiquado, já que divide os cargos de acordo com uma relação confessional. Nesse processo, o Hezbollah solicitou uma mudança do sistema eleitoral, assim como uma minoria com poder de veto para si e para seus aliados no governo após a guerra. Em outro impasse entre o governo e a oposição, o Hezbollah cercou o parlamento e confrontou seus adversários políticos ao buscar seus interesses através de seus apoiantes, resultando em mais um ano de paralisação política. Todavia, o uso da violência, utilizado pelo Hezbollah, dificultou sua afirmação de que “o movimento xiita era a única milícia libanesa que nunca usou suas armas contra o companheiro libanês”. Como consequência, a ala política do Hezbollah saiu derrotada nas eleições seguintes e abdicou reivindicar o poder de veto para a sua minoria (GAUB, 2013, p. 6-7).

Ademais, observou-se que o conflito de 2006 salientou a batalha entre a aliança iraniano-síria e a aliança liderada pelos EUA, além das discordâncias entre elas. Ambas as alianças desejam controlar o Líbano através de seus “procuradores libaneses”, os quais desistiram de suas propostas opostas durante a guerra. Tal cenário enfraqueceu o governo libanês e sua capacidade na tomada de decisão de política externa, pois seus membros tiveram que competir com a agenda dos atores externos aliados e com seus representantes internos. O ataque a soldados israelenses, efetuado pelo Hezbollah, em 12 de julho de 2006, culminou com o início de um conflito que deve ser entendido dentro de um contexto regional mais amplo, pois o Hezbollah somente existe devido à sua atuação regional. Mesmo que o Hezbollah estivesse agindo em nome de seus próprios interesses internos e existisse de forma independente, não seria um importante ator regional, caso não tivesse o apoio militar, político e financeiro do Irã, desde a sua formação na década de 1980 (WILKINS, 2011, p. 112).

Membros da aliança liderada pelos EUA<sup>3</sup> argumentaram que o Irã induziu o Hezbollah a iniciar a guerra, porque pretendia desviar a atenção do seu programa nuclear, que seria uma pauta importante na agenda do G8 na Rússia, a partir de 15 de julho de 2006. Entretanto, tais acusações foram rejeitadas. Deeb (2006, p. 117) advogou que o Hezbollah age de acordo com as necessidades dos seus constituintes no Líbano e que, apesar de seu forte relacionamento com o Irã, não significa que este diga ao Hezbollah o que fazer ou quais políticas e decisões devem ser tomadas. Goksel (2009, p. 2 apud WILKINS, 2011, p. 113) declarou que “os iranianos são muito diplomáticos; eles são muito cuidadosos e nunca interferem diretamente”. Mroueh (2009, p. 2 apud WILKINS, 2011, p. 113) também sustentou que “embora o Hezbollah não tome uma decisão que esteja completamente em desacordo com o Irã, possui liberdade para tomar suas próprias decisões”. Ainda afirmou que:

seria improvável que o Irã desejasse que o Hezbollah atacasse Israel, já que não gostaria de mobilizar seu aliado regional mais importante antes que fosse realmente necessário como, por exemplo, no caso de um ataque norte-americano ou israelense contra suas instalações nucleares (citado em WILKINS, 2011, p. 112-113).

---

3. Desde a retirada da Síria em 2005, os principais atores externos envolvidos no Líbano foram os EUA e a Arábia Saudita, os quais apoiam a Aliança de 14 de março, enquanto que o Irã e a Síria apoiam a Aliança de 8 de março, na qual o Hezbollah faz parte (WILKINS, 2011, p. 61).

EUA e Israel acusaram o Irã não somente por apoiar o Hezbollah durante o conflito de 2006, como também por trabalhar com o movimento e por ter financiado e armado o grupo xiita através da Síria no período anterior da guerra. Um relatório, publicado em 28 de abril de 2006, pelo escritório americano da Coordenadoria de Contraterrorismo, mencionou que “o Irã forneceu ao Hezbollah e a grupos terroristas palestinos um amplo financiamento, treinamento e armas; neste caso, o Hezbollah apenas foi capaz de assumir uma guerra contra Israel devido ao contínuo apoio do Irã e da Síria”. O Hezbollah também foi acusado de ter seguido os comandos iranianos e sírios durante a guerra. O representante israelense afirmou em uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 14 de julho, que “o Hezbollah está agindo como o dedo sangrento sobre a mão do braço de longo alcance do Irã” (WILKINS, 2011, p. 112).

Segundo Hirst (2010, p. 331), o Hezbollah explicou que deveria reagir a gravidade dos ataques israelenses a Gaza durante a Operação Chuvas de Verão<sup>4</sup>, iniciada em 28 de junho de 2006 e finalizada em 26 de novembro de 2006. Israel atacou Gaza como retaliação ao sequestro de Gilad Shalit, em 25 de junho de 2006, orquestrado pelas forças palestinas. Além de ter causado um número significativo de vítimas palestinas (402 mortes), Israel também capturou vários membros do Hamas, incluindo altos funcionários, ministros e legisladores. Hirst ainda argumentou que:

se o Hezbollah não tivesse respondido a estes ataques, imaginariam que o grupo deixou de apoiar a causa palestina, um fator principal do seu jihad. Isso significa que ele poderia perder sua credibilidade entre os seus apoiantes, tornando-se semelhante aos regimes árabes que tinham feito pouco para apoiar os palestinos de Gaza (HIRST, 2010, p. 331).

Durante a guerra, recentes acontecimentos regionais criaram um ambiente de insegurança em Israel. O ataque do Hezbollah, em 12 de julho, ocorreu apenas duas semanas após o sequestro de Gilad Shalit em Gaza. Este sequestro combinado com as ações do Hezbollah na região fronteira causou um sentimento de pânico em Israel, trazendo preocupações, já que o país estava sendo atacado

4. A Operação Chuvas de Verão foi uma artilharia israelense e um ataque aéreo a Faixa de Gaza, com o objetivo de missão primária de resgatar Gilad Shalit, um soldado da Força de Defesa Israelense (IDF). Contudo, os palestinos e as equipes de monitoramento internacionais afirmaram que tal operação foi um pretexto para interromper as comunicações entre as forças insurgentes em Gaza (THE GUARDIAN, 2006, s/p).

simultaneamente pelo Hezbollah e pelos combatentes palestinos. Hersh (2006) chegou a afirmar que “o Hamas e o Hezbollah estão trabalhando em conjunto contra Israel”. Ele também citou o comentário de um consultor do governo estadunidense, com estreito relacionamento com Israel: “a guerra tornou-se inevitável depois que o exército israelense aproveitou as comunicações entre o Hamas e o Hezbollah no final da primavera de 2006, nas quais o Hamas pediu para que o Hezbollah ataque a região norte” (WILKINS, 2011, p. 116).

O duplo sequestro demonstrou que Israel estava sendo atacado em dois territórios, dos quais tinha se retirado recentemente, do Líbano em 2000 e de Gaza em 2005. Tal fato enfraqueceu a decisão de ter se retirado dessas regiões e fez com que Israel parecesse frágil. Por conseguinte, Israel atacou o Líbano com o intuito de afirmar seu poder militar na região e mostrar ao Hezbollah e ao Hamas que eles não poderiam atacar Israel sempre que quisessem. Em 14 de agosto de 2006, ao final da guerra, Ehud Olmert, na ocasião primeiro-ministro israelense, declarou que:

a decisão do governo de Israel de não ignorar a situação esclareceu a todos os povos e às nações que o Estado de Israel não absorveria mais ataques contra sua soberania, que responderia com força a qualquer ato de terror, do norte ou do sul, do leste ou do mar, de qualquer lugar (WILKINS, 2011, p. 116-117).

A resposta israelense ao ataque do Hezbollah na fronteira entre o norte de Israel e o sul do Líbano, em 12 de julho, também necessita de uma interpretação focada no contexto regional, visto que, de outra forma, seria percebida somente como uma reação exagerada a uma violação de fronteira e muito mais extrema se comparada com a sua reação a anteriores conflitos transfronteiriços. No caso do conflito de 2006, Israel agiu de tal forma, porque interpretou as ações do Hezbollah como uma tentativa de modificar o equilíbrio regional de poder que beneficiasse a aliança iraniano-síria. Em uma conferência de imprensa, em 19 de julho, Tzipi Livni, na época ministra das Relações Exteriores de Israel, mencionou que “faz-se necessário combater a ameaça regional representada pelo Irã”. Ela também defendeu Israel contra as acusações de que seus ataques ao Líbano eram extremos, argumentando que “eles foram proporcionais, uma vez que seu objetivo se baseia em defender Israel de uma ameaça regional mais ampla, e não de uma situação territorial” (WILKINS, 2011, p. 113).

Em suma, o conflito de 2006 enfraqueceu o Líbano, econômica, social e politicamente, além de ter causado enormes danos à infraestrutura libanesa, ao sul do Líbano e aos subúrbios no sul de Beirute. O PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – avaliou um prejuízo de US\$ 5 bilhões para a economia libanesa e os setores industriais e turísticos sofreram as maiores perdas, ocasionando estagnação e inflação na economia libanesa. O Hezbollah assumiu a liderança nos esforços de reconstrução do país e, dessa maneira, preencheu um vazio deixado pelo Estado, o qual foi criticado por sua ineficiência durante o período do pós-guerra. A fraca atuação do Estado colocou em evidência suas fraquezas, as divisões na sociedade libanesa, a natureza clientelista da política libanesa e a influência de atores externos na política libanesa (WILKINS, 2011, p. 105-106). Fattouh e Kolb (2006) mencionaram que:

um esforço de reconstrução transparente é necessário e deve estar separado da manobra política e de disputas internas. No entanto, o governo não conseguiu, porque ainda depende de doadores internacionais e doações pessoais, devido aos custos financeiros da reconstrução após a guerra civil 1975-1990 (FATTOUH & KOLB, 2006, p. 110).

## Cenário Pós-Guerra

O Líbano e sua população pagaram um alto preço com a guerra de 2006. Devido ao fato do conflito ter acontecido em terreno libanês, é compreensível que o país sofra com as perdas mais severas. Não obstante alguns ganhos diplomáticos e militares, o Líbano foi obrigado a enfrentar problemas econômicos, sociais e políticos. As perdas econômicas foram exorbitantes – cerca de US\$ 7 bilhões –, principalmente para um país pequeno com uma dívida que ultrapassa a quantidade de US\$ 40 bilhões. Grande parte da infraestrutura foi destruída – estimou-se um prejuízo de US\$ 3,9 bilhões –, a maioria das principais pontes, instalações de eletricidade e áreas residenciais. Os principais danos atingiram os setores de turismo, indústria e serviços (NAKHLEH, 2007, p. 12).

A nível social, o número de pessoas que se deslocaram durante a guerra corresponde a 970 mil pessoas, o que causou vários problemas e ilustrou a fragilidade do governo libanês. O governo pouco fez para evacuar ou ajudar os deslocados do sul do Líbano nos primeiros dias da guerra. O esforço de socorro do governo incluía o envio de suprimentos para grupos cívicos locais, os quais poderiam



fornecer às vítimas, mas mesmo uma simples tarefa como esta não foi possível devido à inexperiência e corrupção. Desconfia-se de que alguns funcionários e partidos tentaram usar esta situação caótica para exacerbar o sofrimento no sul e nos subúrbios mais pobres de Beirute, onde vive a maioria de população xiita, e fazer com que a popularidade do Hezbollah diminua entre a comunidade xiita (NAKHLEH, 2007, p. 12).

No âmbito político, a guerra agravou a disputa entre os partidos políticos libaneses, em diversas questões como, por exemplo, a necessidade de um novo governo de unidade, o desarmamento do Hezbollah e o Tribunal Especial da ONU para o Líbano. Caso tais disputas políticas continuassem, poderiam prejudicar a unidade nacional. Ademais, a conflito de 2006 evidenciou que o Líbano não deveria esperar por uma intervenção internacional na política interna. As alianças do Líbano com os Estados Unidos, França e países árabes não evitaram que Israel empreendesse um extenso bombardeio, o que prejudicou a vantagem política da Aliança 14 de março, demonstrou sua singela colocação nas prioridades americanas, além de ter exposto a falta de planejamento do governo para tais eventos (NAKHLEH, 2007, p. 12).

Mesmo após a guerra, outro problema continuou a ameaçar os cidadãos libaneses: bombas de fragmentação<sup>5</sup> não detonadas por Israel. Tais bombas feriram ou mataram mais de 218 pessoas no sul do Líbano desde o cessar-fogo em agosto de 2006. Esse tipo de bomba é proibido pelo direito internacional. Diplomáticamente, a Resolução nº 1701 do Conselho de Segurança da ONU poderia ser considerada um benefício para o Líbano. O Capítulo VI da Carta das Nações Unidas, “Solução Pacífica de Controvérsias”, foi emitido, ao invés do Capítulo VII, “Ação relativa a ameaças à paz, ruptura da paz e atos de agressão”. Ademais, o Conselho de Segurança pode investigar um conflito e recomendar medidas apropriadas para resolver uma crise, no entanto, não possui autoridade para decidir quais procedimentos devem ser implementados e as Forças da ONU não estão autorizadas a fazer uso da força, exceto em caso de legítima defesa. Se o Capítulo VII tivesse sido escolhido, o Conselho de Segurança poderia utilizar as forças aéreas, marítimas

---

5. As bombas de fragmentação dividem-se em outras bombas menores e se espalham por uma larga área. Cada bomba possui em seu interior 202 explosivos e cada explosivo é capaz de perfurar 125 mm de carcaça em veículos blindados (FOLHA ONLINE, 2001, s/p).

ou terrestres, caso necessário, para manter ou restaurar a paz e a segurança internacionais. Israel teria preferido a utilização do Capítulo VII, pois, neste caso, a UNIFIL teria autoridade para desarmar o Hezbollah e impedir que este voltasse a se armar (NAKHLEH, 2007, p. 12-13).

As consequências da guerra para o Líbano poderiam ter sido mais desastrosas do que a própria guerra. As divisões políticas foram agravadas bruscamente, à medida que cada grupo ou aliança tentava beneficiar-se com a guerra para obter capital político. Devido à insistente recusa de ambas as partes em fazer concessões, esses ganhos políticos aconteceram à custa do Líbano, da sua unidade, da estabilidade e da prosperidade. O apoio dos EUA ao governo libanês, através da Aliança 14 de Março, não trouxe benefícios ao país. O que aconteceu foi justamente o contrário, transformou o governo e seu gabinete ainda mais recusável para o Hezbollah e para os xiitas como um todo, pois os EUA são um aliado muito próximo de Israel. Ao enfrentar limitações significativas em sua capacidade de efetuar operações militares e tomar decisões, e recendo o aumento da pressão interna e internacional para desarmá-lo, o Hezbollah direcionou suas atenções à política, buscando fortalecer seus ganhos políticos. O movimento xiita lucrou com os erros políticos do governo, ao conseguir como aliado outros partidos, particularmente o líder cristão mais proeminente, o General Michel Aoun (NAKHLEH, 2007, p. 13-14).

Aoun, o Hezbollah e os xiitas, além de outros, formaram uma forte oposição, a qual objetivou uma participação mais efetiva na política e solicitou emendas e mudanças dentro do governo. Como eles eram o maior grupo fora do governo, eles reivindicaram mais um terço, ou seja, mais um cargo de ministro do gabinete, a fim de impedir que o gabinete aprovasse decisões importantes – como, por exemplo, o desarmamento do Hezbollah e o Tribunal Especial da ONU para o Líbano – que, para tanto, precisam da aprovação de dois terços de seus membros, sem a anuência da oposição. Como o governo rejeitou um novo acordo com a oposição, esta solicitou eleições parlamentares precoces, no entanto, a coalizão governamental continuou a barrar as demandas da oposição (NAKHLEH, 2007, p. 14).

O resultado foi a renúncia dos únicos cinco ministros xiitas do gabinete e um ministro cristão, o que deslegitimou o gabinete perante um grande grupo de libaneses. A partir desse momento,

a oposição recorreu a manifestações e protestos no centro de Beirute, perto do palácio governamental e da Câmara dos Deputados. Dessa forma, a divisão interna aumentou e o governo encontrou-se em uma situação delicada. O insucesso de muitas medidas propostas, principalmente as da Liga Árabe, para concluir um compromisso admissível fomentou maior atuação da oposição. Tal fato resultou em confrontos nas ruas, trazendo a possibilidade de mais uma guerra civil. A participação do Hezbollah neste conflito interno e sectário afetou sua posição e reduziu sua popularidade no Líbano e no mundo árabe e tornou a questão do seu desarmamento uma prioridade da agenda de seus adversários (NAKHLEH, 2007, p. 14).

Diversas atividades do Hezbollah foram interrompidas devido à guerra, a qual forçou seus líderes a agirem rapidamente para restituir sua imagem, primeiramente entre os membros do movimento e entre os xiitas, posteriormente na arena interna libanesa. Algumas das questões que compunham a agenda do Hezbollah, após a guerra, incluíram a reconstrução das infraestruturas civis e organizacionais danificadas, a atividade contínua da resistência e sua liberdade de ação, inclusive nas regiões onde o Exército libanês e as Forças Multinacionais foram redobradas. O primeiro passo, a fim de reabilitar a imagem do movimento, consistiu numa campanha de relações públicas com o objetivo de incutir a ideia de que “o Hezbollah conquistou ‘uma vitória divina’ na guerra, alcançada pela bravura de seus lutadores, apesar da superioridade numérica e tecnológica de Israel”. O apoio iraniano-sírio nesta campanha, juntamente com a crítica da opinião pública em Israel sobre o modo como as operações militares e políticas foram geridas durante a guerra, ajudaram o movimento a estabelecer o mito da “vitória divina” entre os seus cidadãos (AZANI, 2011, p. 251).

Em julho de 2008, Siniora declarou o estabelecimento de um Governo de Unidade Nacional, baseado nos princípios do Acordo de Doha<sup>6</sup>, e seu apoio à resistência xiita. Em agosto do mesmo ano, o parlamento ratificou o estabelecimento do governo e sua plataforma, sublinhando o término de 22 meses de crise política que teve início com a renúncia dos cinco ministros xiitas em novembro de 2006. O Hezbollah, que deixou o governo de Siniora, retornou

---

6. O acordo, assinado em maio de 2008, estabeleceu a aprovação de novas leis eleitorais para 2009 e a formação de um novo governo de unidade nacional com poderes de veto para a oposição, liderada pelo movimento xiita Hezbollah (BBC BRASIL, 2008, s/p).

como o grande vencedor do Acordo de Doha em julho de 2008. O Acordo de Doha chegou a ser considerado um exemplo da incapacidade ou falta de vontade do governo libanês para lidar com o Hezbollah, ou até mesmo um indício de que o uso da força pode ser usado para alcançar objetivos políticos. O Líbano, que permaneceu em um estado de “guerra civil fria” por vários anos, vivencia períodos de violência de tempos em tempos, além de assassinatos políticos, detonações de explosivos e manifestações em massa. Este cenário abre caminho para intervenções de atores regionais como, por exemplo, Síria, Irã e Israel (AZANI, 2011, p. 253).

Em julho de 2009, foram realizadas as eleições para o parlamento libanês, com o Hezbollah e seus aliados esperando por uma transformação do governo libanês. Na realidade, a Aliança 14 de Março, encabeçada por Saad Al-Hariri, manteve seu poder e ganhou as eleições parlamentares, conquistando a maioria dos assentos, 71 assentos contra 57 assentos para a oposição. No entanto, Hariri teve dificuldade de formar um governo e teve de se contentar com o modelo de um governo de unidade nacional conjunto com a oposição. Em novembro de 2009, após meses de discussões, o novo governo de Hariri foi apresentado ao parlamento. Neste governo, equivalente ao governo de Siniora, o Hezbollah utilizou seu poder militar e político como uma ferramenta, destinada a alcançar seus objetivos. Conseqüentemente, a composição do governo de Hariri incluía 30 ministros: 15 ministros da Aliança 14 de Março, 10 pertencentes à oposição, liderada pelo Hezbollah, dos quais três são membros do movimento, e 5 ministros de partidos independentes, nomeados pelo presidente Michel Sulaiman (pró-sírio), ou seja, uma combinação que permitiu ao Hezbollah vetar as resoluções do governo, quando lhe conviesse. Outro triunfo para o movimento foi a declaração do governo, na qual confirmava seu apoio contínuo à resistência e sua decisão de não desarmar o Hezbollah (AZANI, 2011, p. 254).

O Líbano viveu por dois anos uma crise política. Após o término do mandato de Michel Suleiman, em 25 de maio de 2014, o parlamento libanês tentou por diversas vezes eleger um novo presidente, mas sem sucesso. Samir Geagea, cristão e líder das Forças Libanesas, não conseguia a maioria de dois terços, ou seja, 86 dos 128 deputados. De acordo com o Pacto Nacional – o qual estabelece a partilha do poder entre as principais comunidades religiosas – o presidente deve ser um cristão maronita; o presidente do parla-

mento um xiita e o primeiro-ministro um sunita. A cada tentativa frustrada, o bloco parlamentar de Michel Aoun e o do Hezbollah boicotavam a sessão. Tal impasse foi superado apenas após Saad Hariri declarar seu apoio a Aoun, o qual também recebe apoio do Hezbollah. Segundo Nabil Boumensef, analista político do jornal *An-Nahar*: “O Líbano já não é uma prioridade para a Arábia Saudita e a Arábia Saudita já não apoia os seus aliados no Líbano, o que levou ao enfraquecimento da posição do seu principal aliado no país – o antigo primeiro-ministro Hariri” (EURONEWS, 2016, s/p).

Finalmente, em 31 de outubro de 2016, o Parlamento Libanês conseguiu eleger o seu presidente, Michel Aoun, um comandante reformado do exército e aliado do Hezbollah. O Líbano ficou mais de dois anos com o cargo mais alto do país vazio. A eleição de Aoun, que recebeu 83 votos dos 127 parlamentares presentes, sinalizou uma vitória clara do eixo pró-iraniano, o que impulsiona o Hezbollah, que apoia o presidente sírio, Bashar Al-Assad (G1, 2016, s/p). Na verdade, Aoun tornou-se o novo presidente libanês depois de receber um endosso do seu rival e ex-primeiro-ministro, Saad Al-Hariri. Tal endosso preparou o caminho para o líder cristão maronita ocupar o cargo que ficou vago desde maio de 2014. Hariri declarou sua decisão ao proferir as seguintes palavras:

anuncio hoje, diante de vocês, minha decisão de endossar a candidatura do General Michel Aoun para a presidência da república. Descrevo minha decisão como necessária para proteger o Líbano, proteger o sistema político, proteger o Estado e proteger o povo libanês (ALJAZEERA, 2016, s/p).

## Conclusões

De fato, o Hezbollah conseguiu demonstrar a sua resistência ao lançar um surpreendente número de foguetes de menor alcance contra Israel até o último dia da guerra, quando o grupo xiita disparou 250 foguetes para o norte de Israel, antes do cessar-fogo, assinado em 14 de agosto de 2006 (CORDESMAN, 2007, p. 100). Recorrendo à munição e ao treinamento iraniano, o Hezbollah manteve uma barragem constante de fogo indireto contra Israel. No início da guerra, reconheceu-se uma significativa remessa de mísseis e foguetes iranianos, assim como a presença de operadores iranianos, familiarizados com esses sistemas de armas, auxiliando, por exemplo, no lançamento do complexo sistema de mísseis

C-80230, guiados por radar. Equipes treinadas pelos iranianos lançaram uma grande quantidade de foguetes para o norte de Israel, o que significa dizer que uma invasão israelense não cessaria os bombardeios do Hezbollah (LINDEMANN, 2010, p. 70).

Os desdobramentos do conflito de 2006 também ecoaram no sistema regional. Ao decorrer do conflito, os “estados árabes moderados” – Arábia Saudita, Jordânia e Egito – apoiaram o governo libanês, liderado por Siniora no momento da guerra, e responsabilizaram o Hezbollah pelo início da guerra. Entretanto, o público árabe revoltou-se devido aos trágicos episódios de Qana, em 30 de julho, os quais fizeram com que as elites dos estados árabes moderados mudassem de opinião com relação à guerra (THE WALL STREET JOURNAL, 2006, s/p). Como resultado, a mudança de opinião dos estados árabes moderados acabou por enfraquecer a posição israelense, forçando-o a encarar um ambiente regional desagradável e, conseqüentemente, foi pressionado a aceitar uma solução diplomática.

Embora a Resolução nº 1701 do Conselho de Segurança das Nações Unidas solicitasse o rápido estabelecimento das forças da UNIFIL e do Exército libanês no sul do Líbano, ambas as forças não conseguiram expulsar ou desarmar o Hezbollah. O próprio governo libanês já tinha declarado que não desarmaria forçosamente o Hezbollah, porque o exército, contendo cerca de 40% de xiitas, não podia cortar relações com um grupo com o qual eles têm vários vínculos – religiosos, locais ou familiares. Além disso, de acordo com Waxman citado por Brennen (2009, p. 78), “as forças da UNIFIL provavelmente não teriam arriscado a instigar um confronto com o Hezbollah, ao tentar desarmá-lo” (WAXMAN apud BRENNEN, 2009, p. 78).

Onze anos após a Segunda Guerra do Líbano, constata-se que o Hezbollah não apenas fortaleceu-se como não pode mais ser descrito como uma organização terrorista, pois evoluiu para um exército organizado e hierárquico. Atualmente, o movimento xiita possui cerca de 120.000 foguetes e mísseis, dezenas de projéteis de longo alcance e centenas de drones, usados nos combates contra os rebeldes sunitas na guerra civil síria (THE JERUSALEM POST, 2016, s/p). O aprofundamento do Hezbollah na Síria em 2013 e 2014 é um dos fatores mais relevantes do conflito sírio. Desde o início de 2013, os combatentes do Hezbollah operaram abertamente e em número significativo através da fronteira sírio-libanesa, ao

lado de seus homólogos da Síria e do Iraque. Eles permitiram ao regime sírio recuperar o controle das áreas mantidas pelos rebeldes na parte central da Síria e melhoraram a eficácia das forças pró-regime (SULLIVAN, 2014, p. 9).

No século XX, as forças militares sírias foram estacionadas no Líbano, projetando o poder de Damasco sobre seu vizinho libanês. Hoje, a situação mudou, uma vez que são as forças libanesas do Hezbollah que estão moldando os acontecimentos da Síria, um indício da nova função do Hezbollah como um poder xiita regional. Nasrallah está tentando alcançar três objetivos: manter a estabilidade do Líbano, lutar numa guerra sectária e custosa na Síria e garantir que seu exército de guerrilha híbrido esteja preparado para a próxima guerra contra as Forças de Defesa de Israel. A maior parte do orçamento anual do Hezbollah (70%) vem do Irã. Esse financiamento tem sido utilizado para construir o comando, o controle e os lançadores de foguete em todas as aldeias e cidades no sul do Líbano, além de investir na infraestrutura militar no norte do Líbano, espalhando seu poder de fogo por todo o país (THE JERUSALEM POST, 2016, s/p).

## Referências

- ALJAZEERA. **Hariri backs Michel Aoun as Lebanon's next president**. 2016. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2016/10/hariri-backs-michel-aoun-lebanon-president-161020152612344.html>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- AZANI, Eitan. **Hezbollah, The Story of the Party of God – from revolution to institutionalization**. Palgrave Macmillan. New York, United States of America. 2009.
- BBC BRASIL. **Governo do Líbano e Hezbollah fecham acordo de paz**. 21 maio 2008. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/05/080521\\_libanoacordo\\_ts\\_mp.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/05/080521_libanoacordo_ts_mp.shtml)>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- BBC NEWS. **Ten years on, is Hezbollah prepared for another war with Israel?** July 12, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/36559373>>. Acesso em: 12 nov. 2016.
- BRENNEN, Lisa. **Hezbollah: Psychological Warfare Against Israel**. Naval Postgraduate School. Monterey, California. mar. 2009.
- CHAFIK, Nadine. Hezbollah – The Paradoxo of Influence. **Salus Journal**, Issue 1, Number 1, 2013.
- CORDESMAN, Anthony H. Lessons of the 2006 Israeli-Hezbollah War. **Center for Strategic and International Studies**, Washington, D.C., 2007.
- CUNNINGHAM, Darren. **God and Hope: Shia Islam and the Lebanese Civil**

**War.** University Honors in History, 2010.

DEEB, Lara. The Sixth War, Israel's Invasion of Lebanon. In: **Deconstructing a Hizbollah Stronghold**, p.115-125, 2006.

DEMANT, Peter R. **Islam vs. Islamism, The Dilemma of the Muslim World.** Praeger, Westport, Connecticut, United States of America, 2006.

EURONEWS. **Eleição de Michel Aoun põe fim ao impasse político no Líbano.** 31 out. 2016. Disponível em: <<http://pt.euronews.com/2016/10/31/eleicao-de-michel-aoun-pe-fim-ao-impasse-politico-no-libano>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

FATTOUH, Bassam; KOLB, Joachim. The Sixth War, Israel's Invasion of Lebanon. In: **The outlook for economic reconstruction in Lebanon after the 2006 war**, p. 96-114, 2006.

FOLHA ONLINE. **A bomba de fragmentação.** 2001. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/2001-terrorismo\\_nos\\_eua-info-bomba\\_de\\_fragmentacao.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/2001-terrorismo_nos_eua-info-bomba_de_fragmentacao.shtml)>. Acesso em: 25 nov. 2016.

G1 MUNDO. **Veja cronologia do caminho para a criação do Estado Palestino.** 29 nov. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/11/veja-cronologia-do-caminho-para-criacao-do-estado-palestino.html>>. Acesso em 03 abr. 2018.

G1. **Michel Aoun, aliado do Hezbollah, é eleito presidente do Líbano.** 31 out. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/10/michel-aoun-aliado-do-hezbollah-e-eleito-presidente-do-libano.html>> Acesso em: 24 nov. 2016.

GAMBILL, Gary C. **Implications of the Israel-Hezbollah War.** Mideast Monitor. sep./oct. 2006.

GAUB, Florence. **The Role of Hezbollah in Post-Conflict Lebanon.** Directorate-General for External Policies, Policy Department, 2013.

GOKSEL, Timur. **Interview.** Location: Rawda Café, Beirut, 13 may 2009.

GOLD, Dore. Iran, Hizbollah, Hamas, and the global jihad. In: Introduction. **Jerusalem Center for Public Affairs**, 2007.

HERSH, Seymour M. **Watching Lebanon, Washington's interests in Israel's war.** The New Yorker. August 21, 2006. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/magazine/2006/08/21/watching-lebanon>> Acesso em: 08 nov. 2016.

HIRST, David. **Beware of Small States: Lebanon, Battleground of the Middle East.** London, Faber and Faber Ltd. 2010.

LINDEMANN, Marc. **Laboratório de Assimetria: A Guerra do Líbano de 2006 e a Evolução das Táticas Terrestres Iranianas.** Military Review, set. / out. 2010.

MROUEH, Jamil. **Interview.** Location: Daily Star offices, Beirut, 16 jun. 2009.

NAKHLEH, Hany T. **The 2006 Israeli War on Lebanon: Analysis and Strategic Implications.** U.S. Army War College, Philadelphia, United States of America. mar. 2007.



NORTON, Augustus Richard. Changing Actors and Leadership among the Shiites of Lebanon. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**. 1985.

NORTON, Augustus Richard. **Hezbollah, A Short History**. Princeton University Press. Princeton and Oxford. Princeton, New Jersey, United States of America; Oxford, United Kingdom, 2007.

SULLIVAN, Marisa. Hezbollah in Syria. **Institute for the Study of War (ISW)**. Middle East Security Report 19. Washington D.C., USA. apr. 2014.

THE GUARDIAN. **Palestinian children pay price of Israel's Summer Rain offensive**. 07 sep. 2006. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2006/sep/07/israel>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

THE JERUSALEM POST. **Analysis: Ten years after war Hezbollah powerful but more stretched than ever**. 16 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.jpost.com/Arab-Israeli-Conflict/Analysis-Hezbollah-powerful-but-more-stretched-than-ever-457035>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

THE WALL STREET JOURNAL. **Week 3: Diplomatic Struggles**. 30 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.wsj.com/articles/SB115436753607522417>>. Acesso em: 09 nov.2016.

THE WASHINGTON POST. **Ten years after last Lebanon war, Israel warns next one will be far worse**. 23 jul. 2016. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/world/middle\\_east/ten-years-after-last-lebanon-war-israel-warns-next-one-will-be-far-worse/2016/07/23/58d7a6ca-4388-11e6-a76d-3550dba926ac\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/ten-years-after-last-lebanon-war-israel-warns-next-one-will-be-far-worse/2016/07/23/58d7a6ca-4388-11e6-a76d-3550dba926ac_story.html)>. Acesso em: 12 nov. 2016.

VEJA. **Como funciona o sistema político libanês e qual futuro aguarda o Líbano em meio à crise que se instalou no país**. 25 jan. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/como-funciona-o-sistema-politico-libanes-e-qual-futuro-aguarda-o-libano-em-meio-a-crise-que-se-instalou-no-pais/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

WILKINS, Henrietta Charlotte. **The making of Lebanese foreign policy: the case of the 2006 Hizbollah-Israeli war**. Durham E-Theses. School of Government and International Affairs, University of Durham, January, 2011.

ZAHREDDINE, Danny. **Os Círculos Concêntricos da Política Libanesa e suas Repercussões para o Oriente Médio**. 2011.

*Recebido em: 10/08/2017*

*Aprovado em: 11/10/2017*